

«Ainda que o pecador faça mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus, aos que temerem diante dele»
(Eclesiastes 8:12)

Eclesiastes

Boletim Trimestral
Vocacionado para a Doutrina
e Devoção Espiritual
Responsabilidade:
Igreja em Oleiros.
É gratuito.
Número 22. 04-06/2002

Palavras do Pregador... (Eclesiastes 1:1)



PECADO

Próximo Número: "O Homem do Pecado", "Palavras Torpes", "Escola de Tirano", "A Prostituição", "Duas Cobertas do Pecado", entre outros artigos.

Neste Número:	Neste Número:
Página de Editorial, 2;	Página Científica, 19;
Página de Genéricos, 10;	Página Feminina, 25;
Página Devocional, 13;	Página Doutrinária, 26.

Editorial

Eclesiastes...

“Eu, o pregador, fui rei sobre Israel, em Jerusalém...”
(Eclesiastes 1:12)

«Ainda que o pecador faça mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucederá aos que temem a Deus, aos que temerem diante dele»
(Eclesiastes 8:12)

Será Possível o Crente Pecar?

O pecado e a sua relação com ele têm sido motivo de grande controvérsia, nomeadamente quanto ao entendimento do seu poder, da sua gravidade e dos seus efeitos. Tem-se

assistido, também, a um crescente desinteresse, em alguns sectores religiosos, em abordá-lo com a importância que ele merece, pelo seu carácter negativo e destrutivo. Nota-se, assim, um crescente interesse em alterar as regras da moralidade, modificando o conceito de pecado, promovendo a sua prática, defendendo os seus promotores, e minimizando os seus efeitos nefastos.

Na igreja a situação não é menos boa. O pecado tem coabitado com os crentes de uma forma muito natural, o que é contra a sua própria natureza espiritual. O pecador converte-se a Deus, é integrado na igreja local, mas não há qualquer transformação na sua vida. É altura de perguntar: “onde está o poder do Evangelho”? o “Evangelho que é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê.» (Rom. 1:16). Admite-se e aceita-se qualquer tipo de pecado nos crentes e na assembleia. Vive-se com o pecado como se fosse uma coisa comum, e tudo muito naturalmente. Quase que já faz parte integrante da vida da igreja; e aquilo que era condenado à alguns anos atrás, agora é admitido, e por vezes defendido. Chega-se até a catalogar o pecado, como sendo de primeira, de segunda e de terceira categoria. E,

assim, a disciplina da igreja vai-se deteriorando; já não são disciplinados os crentes que cometem determinados pecados por não serem considerados pecados dignos de disciplina. Ora, tudo isto faz parte da própria conquista do pecado nos crentes e na igreja. Por sua vez, os anciãos e os pregadores já deixaram de ter o pecado como tema das suas dissertações por não ser um tema muito popular. Por vezes, a autoridade para falar dele também não é muita.

O Pecado é algo que deveríamos reputar como principal inimigo no combate da nossa vida espiritual e na vida da igreja; deveria ser eleito como o principal adversário do povo de Deus e combatê-lo com toda a determinação e afinco. Pois é o pecado que mais estragos tem causado na vida do crente e aquele que mais tem impedido o crescimento da igreja (Hebreus 12:1).

Admito que estejamos no fim dos tempos. Serão dias como os dias de Noé. Mas, se Noé vivesse nos nossos dias, acredito que ele se escandalizaria com o que via. E, se frequentasse alguma das igrejas da cristandade, admito, também, que não ficasse muito contente. Pois tudo o que ele viu em seus dias, ele via-o na igreja; tudo aquilo que ele presenciou no seu mundo e que levou o Senhor a destruí-lo, ele via-o na igreja. Agridem-se, mentem-se, ferem-se, adulteram-se, roubam-se, embriagam-se, idola-

tram-se, inventam-se males e fazem-se maldades, invejam-se, cobiçam-se, contendem-se, murmuram-se, detram-se, aborrece-se Deus, injuriam-se, são infiéis nos relacionamentos e nos negócios, não têm afecto natural ou espiritual, casam-se e descasam-se, roubam-se os homens das outras mulheres e arrebatam-se as mulheres dos outros homens, em algumas partes do globo alguns "pastores" e "sacerdotes" assumem-se como homossexuais, muito naturalmente; as mulheres não se sujeitam aos maridos nem a Deus; na igreja a insurreição é quase total: não se sujeitam a Deus nem à autoridade instituída por Ele, seja porque falam, seja porque não usam véu, seja porque não usam o cabelo comprido como símbolo de sujeição, por causa dos anjos. Os filhos não respeitam os pais, não obedecem, não querem seguir a doutrina, a disciplina e a admoestação do Senhor (Efésios 6:4). No trabalho não há a obrigação de dever por parte dos trabalhadores; e o devido reconhecimento, por parte da entidade patronal. Infidelidade e exploração é vulgar no mundo que vivemos e, por vezes, nas igrejas que frequentamos. Onde estamos nós? Que é isto?

Só precisamos de olhar o pecado como Deus olha. Ter a sua sensibilidade. E, se queremos ter uma noção do que o pecado significa para Deus, basta olharmos para a Cruz do Calvário. Ali o Senhor Jesus Cristo foi feito pecado (II Cor. 5:21), e Deus não

o poupou (Rom. 8:32), antes agradou moê-lo, fazendo-o enfermar... (Isa. 53:10), por causa de nós.

E uma coisa é certa: Deus nunca poupou um pecado. Não poupou os anjos que pecaram (II Pedro 2:4), não poupou o mundo antigo que pecou (Idem, 2:5), não poupou a Sodoma e Gomorra, antes as condenou e as reduziu a cinzas (II Ped. 2:6), não poupou a Israel que pecou no deserto (Judas 5, 11) e depois disso na terra prometida (Rom. 11:21), não poupará os gentios que têm pecado (Idem); não poupou o Seu santo Filho que não conheceu pecado, mas que foi feito pecado por nós (Rom. 8:32), não poupará a igreja que se desviou do ensino da Palavra de Deus, a grande Babilónia (Apo. 17-18), e não poupará todos aqueles que rejeitarem o Senhor Jesus Cristo como salvador (Hebreus 10:29). Cuida-te, que não te poupará a ti também...!

«Vede que não rejeiteis ao que fala; porque, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele que é dos céus» (Hebreus 12:25).

Esta é a atitude de Deus para com o Pecado: **«quebrantando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia...!»** (Hebreus 10:28), e **«horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo...»** (Idem, 10:31). E, **«de quanto maior castigo cuidais vós que será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver**

por profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça? Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor.» (Idem, 10:29-30).

E, como tem sido diferente a relação da cristandade com o pecado. E diz-se com frequência: "o crente não deve, mas pode pecar"! E tem-se feito passar a ideia que o crente pode mesmo pecar. E isso tem servido de pretexto, desculpa e defesa de muitos pecados, os quais se vão multiplicando de forma descontrolada, causando a destruição das vidas de muitos crentes e de muitas igrejas.

Mas, será possível que o crente peque?

Mas, afinal, o que é que o Senhor fez na cruz do Calvário? Que obra foi a Sua? De que é que Ele nos libertou? O que é que Ele venceu? o Seu pecado, ou o nosso? O nosso, certamente, pois Ele não tinha pecado, nem o conheceu.

Será, por isso, possível o crente pecar?

Estes assunto tem sido discutido entre os crentes e os argumentos que têm sido usados são baseados mais na sua experiência que na Palavra de Deus. O que a Palavra de Deus diz (e refiro-me aos escritos do Apóstolo Paulo para a Igreja "Corpo de Cristo") é que o pecado faz parte da história passada do crente. O pecado nunca é tratado como algo presente da vida do crente, como uma possibilidade, ou

como fazendo parte da vida humana do crente. A Escritura nunca admite a possibilidade do crente pecar. Vejamos alguns textos:

«Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.» (Romanos 6:1-4).

«A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.» (Idem, 8:1-4)

«Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus. E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor

Jesus e pelo Espírito do nosso Deus.» (I Cor. 6:9-11).

O pecado para o crente, é algo que faz parte do seu passado:

«Em que, noutro tempo, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência.» (Efésios 2:2. Ver, ainda, 5:8; Col 1:21; Tito 3:3).

Não estou a dizer que não tenhamos visto alguns crentes que foram apanhados de surpresa pelo pecado (Gál. 5:1). A Escritura refere-o. Mas trata-os como "iníquos", "homens de pecado" (I Cor. 5:13, conforme II Tês. 2:8), que é o mesmo que anticristo, rebelde e diabólico. O termo grego é "*ponēros*", que significa "maligno", o mesmo que em Efésios 6:16 para se referir a Satanás. E sabemos que o Senhor conhece os que são seus, como está escrito:

«Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.» (II Tim. 2:19 – RA).

Mas, insistimos, será possível que o crente não peque?

Atentemos ao que diz a Escritura:

«Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da

força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.» (Efé. 1:17-23; Ver, tb, Filipenses 3:10 – viver no poder que ressuscitou o Senhor).

«Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amén!» (Efésios 3:20-21).

«Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.» (Idem, 2:10).

«Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou.» (Rom. 8:37).

«Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo, e estando

prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência.» (II Cor. 10:2-5).

«Posso todas as coisas naquele que me fortalece.» (Fil. 4:13. Ver, mais, I Cor. 15:57; II Cor. 10:2-5; Gálatas 1:4; 5:16-25).

Será possível tudo o que lemos? Com toda a certeza. Mesmo que tenhamos de crer contra a esperança, como Abraão. Mas esse é o único percurso. E, se houver alguma dúvida acerca da possibilidade do crente viver sem pecado, olhemos a vida do Apóstolo Paulo e veremos como o poder de Deus foi verdadeiramente aperfeiçoado na sua fraqueza humana. E, tudo isso, pela abundância da Graça de Deus. E, se o Senhor pôde vencer o pecado definitivamente na Cruz do Calvário, e se o poder do Espírito Santo em Cristo Jesus venceu as hostes espirituais da maldade, a morte e tudo o mais que o pecado afectou, ressuscitou-o e colocou-o vencedor acima de todo o poder e autoridade e acima de todo o nome que se pode nomear na criação de Deus, é o poder que em nós opera, não será Ele suficientemente capaz de dominar o pecado na vida do crente? Das duas, uma: ou o indivíduo não tem este poder, e isso será porque nunca nasceu de novo, ou então esse poder está extinto na sua vida porque ele não vive a vida cristã; a sua vida é uma vergonha para o Deus que o salvou. É um vômito para o Deus que fez tudo por ele.

Em Colossos, os crentes, tiveram o mesmo problema que estamos a ter em nossos dias com o Pecado. E

Paulo diz-lhes: “Aquele que é a verdadeira imagem de Deus; Aquele que é o criador, o sustentador e o alvo de todas as coisas que foram criadas; Aquele que é o Cabeça da Igreja, o primogénito de entre os mortos; Aquele que deu todas as provas do seu poder e autoridade, Esse, com todas as demonstrações do seu poder não será capaz de vos dar uma vida acima do pecado? Com toda a certeza. Por isso, todos os que estão em Cristo não têm qualquer justificação para pecar. E mais: todo aquele que está em Cristo não pode pecar.

Se não fosse possível a vida cristã estar acima do pecado, então a morte do Senhor não tinha qualquer sentido. A sua obra não teria sido suficientemente eficaz. Então aquilo que o Senhor disse da Sua salvação era falso, pois não poderia ser experimentado. Então a vida cristã seria uma farsa. Mas, os factos apontam para a circunstância de serem os crentes que têm falhado na compreensão e na divulgação do cristianismo.

Não só é possível a vida cristã estar acima do pecado, como isso é o único sentido de “vida cristã”. Assim como o pecado é o modelo de vida do **velho homem**, a vida cristã é o modelo de vida que Deus planeou para o **novo homem**, o “Corpo de Cristo”, com a Pessoa do Senhor Jesus Cristo como Cabeça (Efésios 4:20-24 - **«e vos revistais do novo homem que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e verdade»**. Ver, ainda, Col. 3:10-11). O Senhor Jesus Cristo morreu na cruz do Calvário para tornar possível a vida

cristã (Gálatas 1:4). O Espírito Santo foi-nos dado como selo, mas também para nos ajudar nas nossas fraquezas humanas e físicas (Romanos 8:26-30). O próprio Deus está disponível na sua máxima dimensão para experimentarmos a vida cristã em nós, pela vitória sobre o pecado, como lemos em Efésios 3:19: **«E conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus»; «enchei-vos do Espírito...»** (Idem, 5:18).

Se não conseguimos viver assim, então estamos longe de saber e de experimentar o que é o cristianismo. Não há mundo que nos resista; não há hostes espirituais que nos abalem, não há carne que nos domine. Podemos dizer: **«posso todas as coisas naquele que me fortalece»** (Fil. 4:13). Somos, simplesmente, **«mais que vencedores, por Aquele que nos amou»** (Rom. 8:37). Glória, pois a Ele, eternamente. Amén.

Se te dizes cristã ou cristão... se te consideras cristã ou cristão... e achas normal o pecado na tua vida, ou se nunca houve uma mudança radical na tua vida, se o mundo, a sua forma e sistema faz o que quer de ti, se a carne, suas paixões e concupiscências são normais na tua vida, nomeadamente o teu génio, vícios, calões, mentiras, murmuração, entre todos os outros pecados, é altura de examinares se estás na fé (II Cor. 13:4-5). Tudo isto, independentemente de frequentares cultos cristãos, falares de Cristo, orares, leres a Bíblia. Até podes fazer tudo isso, e mais que isso, mas, o que

demonstra se és crente é a tua relação com o pecado. Ser zeloso das coisas de Deus, ao ponto de dar a vida e a morte, correr a terra e o mar para fazer um prosélito, fazer sinais e maravilhas, milagres, e andar em pecado, são coisas normais em quem pode estar perdido, diz a Escritura em muitos textos. Tudo isso não passa de uma religião morta e fria, um entretenimento para as hostes espirituais da maldade, e um vitupério para a obra do Senhor Jesus Cristo.

Mas, será que se eu decidir mudar agora os efeitos e os resultados dessa mudança não poderão ser piores do que se eu deixar as coisas como estão? Perguntará o crente sincero. Irei perder muito! Irei ofender pessoas...! Irei ter imensos prejuízos...! Irei passar por uma crise emocional...!

Uma das razões porque muitos crentes não querem fazer um “volte face” à sua vida de pecado é por temerem que os estragos sejam maiores com a ruptura do pecado do que se mantiverem as coisas como estão. Mas, para Deus o pecado só tem um tratamento: “não”, “morte”, “rejeição”, “cruz”, “renúncia” e “inferno”.

E os males que poderá causar? E os prejuízos que poderão ter? É um lar que pode ficar desfeito; são os filhos que ficam à deriva; são as firmas que podem entrar em falência; são as igrejas locais que podem fechar as portas; são projectos de anos que podem ficar sem efeito; são os castelos espirituais que podem ruir... Por vezes, cristianismo a 100% implica ficar só com alguma roupa que temos no corpo. Mas se esse for o preço a pagar por ela, que o seja. O

meu pecado despiu por completo o Senhor Jesus Cristo e implicou a sua morte. E nós? Que preço estamos dispostos a pagar pela irradicação do pecado na nossa vida? Estamos prontos a morrer se for preciso? Já **«resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado»** (Hebreus 12:4), isto é, já lutamos contra o pecado até à morte? Então ainda não fizemos o suficiente! Observem o que diz a Escritura de alguém que pagou o preço completo da vida cristã, até ao último cêntimo:

« ... (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra. E bdos estes, tiveram o testemunho da fé...» (Hebreus 11:36-40).

E que culpa tem Deus dos nossos erros? Alguns crentes estão preocupados, agora, que deveriam emendar a sua vida, com a eventualidade de poderem vir a lesar, escandalizar ou ferir sensibilidades a alguém. Mas, nunca pensaram que esse pecado levou o Senhor Jesus Cristo a agonizar na cruz do calvário? Nunca pensaram que estão a lesar a Deus? Nunca pensaram que quem pode abençoar ou amaldiçoar alguém é Deus e não o homem nos seus pecados? Não é a injustiça dos homens que opera a justiça de Deus, como dizem alguns: **“façamos males, para que venham bens... a condenação desses é justa”** (Romanos 3:3-8).

Quanto à determinação como devemos tratar com o pecado, Neemias é um exemplo.

Neemias deparou-se, também, com o problema do pecado em seus

dias. Mas, quando houve a necessidade de cortar o mal pela raiz, para que a verdade de Deus se mantivesse, ele fê-lo sem contemplações. Era necessário cortar com tudo o que envolvesse pecado e prejudicava o povo de Deus, mesmo que isso implicasse alguma ofensa pessoal para alguém, então cortava-se! (Nee. 13).

Houve, também, um rei em Judá, Amásias, temente a Deus, que fez um acordo com um rei ímpio de Israel, para o ajudar numa batalha contra os Edomitas. A celebração deste acordo custou ao rei de Judá uma grande soma de dinheiro. Entretanto, o Senhor manda-lhe um profeta. Atenemos ao que diz:

«Porém um homem de Deus veio a ele, dizendo: Ó rei, não deixes ir contigo o exército de Israel, porque o SENHOR não é com Israel, a saber, com os filhos de Efraim. Se porém, fores, faze-o, esforça-te para a peleja; Deus te fará cair diante do inimigo, porque força há em Deus para ajudar e para fazer cair. E disse Amazias ao homem de Deus: Que se fará, pois, dos cem talentos de prata que dei às tropas de Israel? E disse o homem de Deus: Mais tem o SENHOR que te dar do que isso.» (II Cró. 25:7-9).

E nós? Ó, sim, nós! Coitados de nós! Dizem alguns. Fazer mudanças tão radicais pode nos causar um desgaste enorme e podemos não suportar a mudança! Não temos direito a tomar as nossas próprias decisões? (Mesmo que isso implique em pecado?) Não temos direito a ter alguma estabilidade emocional, social, profissional, familiar...? (com o

pecado?) Vamos deixar as coisas que nos custaram muito a conseguir? (com o pecado?) Será que a vida vale o preço do pecado? E Deus? Não tem direitos? Mesmo que Deus não nos dê mais que a vida, será que temos o direito de o ofender? Será que Ele – Ele só – não é mais que tudo? Não é Ele Aquele que mais, que está acima, que pode todas as coisas, capaz de nos ajudar nas nossas carências? Não é Ele o recompensador daqueles que o buscam? (Hebreus 11:6).

E digo mais: se tiveres dúvidas, a questão do pecado é tão grave que eu só tomaria uma decisão em que estivesse firme. Pois, viver no pecado é como estar no inferno.

Não penses no que podes perder; pensa antes no que vais ganhar. **“Aquele que nos deu o Seu próprio Filho, como não nos dará com Ele todas as coisas”** (Romanos 8:32).

É altura de mudarmos o nosso discurso; é o momento de alterarmos a nossa mentalidade humana, para a mente de Cristo (I Cor. 2:16); é necessário reformarmos a nossa conduta para a única que nos diz respeito: a vida do novo homem: Cristo. E o Senhor nos dará toda a graça para alcançarmos o alvo.

E, olhando nós para a cristandade, só nos recorda clamar ao Senhor para que nos dê lágrimas e chorarmos diante d’ Ele, clamando por misericórdia e graça, a fim de sermos ajudados no tempo presente e contribuirmos com a nossa vida para o melhoramento espiritual da vida dos crentes, individualmente e como igreja.

VPP

TÓPICOS PARA MEDITAÇÃO

NÃO ERREIS

Por propriedade, a natureza humana, está sempre a errar. Não obstante isso, o Senhor diz aos seus filhos: «**Não erreis!**» (Gálatas 6:7).

O homem erra, principalmente, por não conhecer as Escrituras e o poder de Deus, como está escrito: «**E Jesus, respondendo, disse-lhes: porventura, não errais vós em razão de não saberdes as Escrituras nem o poder de Deus?**» (Marcos 12:24).

Áreas onde mais se comete erros:

1. Quanto à herança da salvação:
«**Não erreis, meus amados irmãos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação. Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas.**» (Tiago 1:16-18);

2. Quanto à santificação do crente:
«**Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.**» (Gálatas 6:7);

3. Quanto à Eternidade:
«**Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus.**» (1 Coríntios 6:10).

Que é o Pecado?

1. O pecado é **pecado**, i.e. errar o alvo (gr. “*amarantos*”). Porém, este significado etimológico perde-se de vista, em grande medida no NT. É o termo mais frequente para definir a corrupção moral.

2. É **iniquidade** – i.e. transgressão da lei (gr. “*anomia*”) – I João 3:4;

3. É **injustiça** – i.e. não alcançar as exigências da lei (gr. “*adikia*”) – I João 5:17;

4. É **não fazer o bem** que devemos fazer – Tiago 4:17;

5. É fazer coisas **com dúvidas** acerca da vontade de Deus – Romanos 14:23;

6. É fazer **acepção de pessoas** – Tiago 2:9;

7. É **transgressão** – i.e. rebelião (gr. “*parabasis*”) – Romanos 5:14.



Para Meditar...

Por vezes as nossas vidas são viveiros do pecado, onde ele é gerado, alimentado e exercitado, quando deveriam ser matadouros...

«Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.» (Col. 3:5-6).

REPORTAGEM I

FICAR PELO CAMINHO...

«Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles, pelo que foram prostrados no deserto.» (I Cor. 10:1-5)

Tenho visto muitos crentes que têm prometido muito, quando se convertem, mas de imediato desanimam e desaparecem...! À semelhança da semente que foi lançada pelo semeador e caiu no meio dos pedregais. Começa a germinar com alguma celeridade e entusiasmos, mas logo veio o sol da aflição da vida e murcha... (Mateus 13:20).

Como poucos, os israelitas viram e experimentaram o poder de Deus... no entanto não atingiram a plenitude da promessa. Entraram no deserto, mas não o passaram... entraram no vale da sombra da morte e ficaram lá... prostrados! Começaram uma carreira, percorreram-na mal, e não a acabaram!

Muitos crentes têm passado pelo deserto. Por vezes, é inevitável que passemos pelo deserto! O Espírito Santo,

por exemplo, levou o Senhor ao deserto (Lucas 4). Mas deserto não é sinónimo de fraqueza; pode ser sinal de grandeza. Foi no deserto que João Baptista recebeu a sua mensagem e comissão do Senhor (Lucas 3:2). Foi no deserto que João, o discípulo amado, viu a vitória do Senhor sobre a grande prostituta (Apoc. 17:3), e será no deserto que o Senhor livrará e sustentará o remanescente de Israel (Apoc. 12:14). Assim, deserto pode ser sinal de presença de Deus e de experiência de grandes vitórias. Paulo soube o que eram os perigos dos desertos (II Cor. 11:26). Mas, também pode dizer que conseguiu passá-lo e "acabar a carreira" (II Tim. 4).

No entanto, há outros crentes que não resistem às pressões que são sujeitos no deserto; não suportam os contrastes do calor do dia e do frio da noite, a solidão, e os perigos desconhecidos. Elias, no deserto da aflição, desejou, em seu ânimo, a morte (I Reis 19:4); Jonas, no aperto das suas responsabilidades, desejou morrer (Jonas 4:8); Job, na pressão das suas tribulações, desejou a morte (3:5); Uma mulher, por não poder ter filhos desejou morrer – Raquel (Gén. 30:1); entre alguns outros que tiveram atitudes idênticas! Parece que ao mais pequeno embate o crente quer logo desistir...

Deus... não se agradou da maior parte deles...! E de ti?

Sermões Breves

Cair... setenta vezes sete?

«Porque sete vezes cairá o justo e se levantará; mas os ímpios tropeçarão no mal.»
(Provérbios 24:16)

O crente, independentemente do seu nível espiritual, está sujeito a tropeçar e a cair no pecado. Alguém escreveu que, o crente espiritual não é aquele que não peca; é, sim, aquele que, caindo no pecado, logo se levanta. O perdido cai, mas quando cai é para a perdição (Hebreus 10:38-39). É o cão lavado que volta ao seu próprio esterco, e a porca lavada que volta ao espojadouro da lama do mundo (II Pedro 2:22). O crente, «ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a Sua mão» (Salmo 37:24).

*** +++ ««« + »»» +++ ***

Pés Lavados!

«Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe

Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo.» (João 13:8)

A “parte do Senhor” implica “salvação”, “comunhão” e ministério. No entanto, no contexto deste episódio em concreto, o Senhor, quando disse tais palavras, referia-se ao ministério que estava a delegar aos doze apóstolos. Não se referia à lavagem completa dos apóstolos – o perdão dos pecados; referia-se à santificação prática. E tais palavras são deveras solenes. Não há ministério do Senhor sem uma vida santificada. O pecado é areia na engrenagem da máquina da obra de Deus. O pecado não co-habita com a obra de Deus. Deus não usa “quaisquer meios para atingir os fins!” Não há serviço para Deus em pecado. O ministro – homem ou mulher – que vive em pecado, que não experimenta em sua vida diária o poder purificador do Senhor, não está apto para o mistério. O seu trabalho é algo sobre o qual o Senhor não dará qualquer apreço. Será, por isso, um trabalho em vão.

Qual é a parte que estás a escolher?

Maria escolheu a «**boa parte**» (Lucas 10:42); Mas a outros o Senhor dirá: «**Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade!**» (Mateus 7:23).

Devocional I

Εγώ, Ego, Eu

“(Eu) já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na (minha) carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim» (Gálatas 2:20).

O “eu” é a velha natureza, a raiz do pecado, a inclinação maldosa que se manifesta no nosso corpo caído, impondo o seu domínio na nossa vida e produzindo os seus resultados malévolos.

O “eu” opõem-se à vontade de Deus: “a carne não pode agradar a Deus” (Rom. 8:8) e entra num conflito constante com o Espírito Santo, com o objectivo de controlar a nossa vontade (Gál. 5:16-18).

Existem termos parecidos que devemos distinguir:

“Pecado” (Romanos 5:12; 6:12). Quando o termo “pecado” aparece no singular, por norma, não se quer referir aos actos pecaminosos (os pecados), mas ao pecado como um princípio dominador, a raiz do mal que está no corpo do ser humano. O “pecado”, como assim se refere, é a semente dos pecados; é a raiz que gera a concupiscência, o roubo, o adultério, entre outros muitos horrendos pecados, sendo eles o “fruto” do pecado. “Pecado” é a natureza do diabo, assim como a santidade é a natureza divina. E,

quando Adão deu ouvidos à serpente, no Éden, o gérmen de Satanás foi implantada na natureza humana alterando-a completamente. Por isso é que a Escritura diz que o pecado não foi originado por Adão, mas que por ele “o pecado entrou no mundo” (Romanos 5:12), uma vez que ele já existia, em Satanás.

“Velha Natureza” ou “Velho Homem” (Romanos 6:6; Efésios 4:22; Colossenses 3:9). É uma referência à nossa identificação com Adão caído, expulso do Éden, fora da comunhão com Deus e em inimizade com Ele. Era o que éramos: filhos da ira (Efésios 2:2-3). O “velho homem” foi crucificado com Cristo. Agora pertencemos a uma nova raça – os “Cristos” ou os “Cristãos”, porque somos feitos à imagem do Segundo Adão (I Cor. 15:45).

A “Carne” (Romanos 8:9, 13; Gálatas 5:16-21). Este termo tem vários sentidos, de acordo com a sua utilização. Primeiramente, “carne” refere-se ao “corpo de pecado”, ao corpo que está afectado pelo pecado e espera pela sua redenção, com a transformação do corpo para ser conforme ao corpo glorioso do Senhor (Rom. 8:23-25; Fil. 3:20-21). Neste sentido «a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus» (I Cor. 15:50). Em segundo lugar, “carne” refere-se ao estado do homem antes da conversão. É o homem que está identificado com o Adão caído e separado de Deus. Neste sentido, estar na carne é estar perdido; assim, os que estão na carne não podem agradar a Deus (Romanos 8:9). Por fim, refere-se à velha natureza, raiz do pecado que ainda está no corpo da carne do pecado e se manifesta nos nossos

membros: a carne (Idem 8:13-14; Gálatas 5:16-17; I Pedro 2:11).

“Corpo do Pecado” (Romanos 6:6). É o corpo afectado pelo pecado. É o corpo onde o pecado se manifesta. É o corpo natural chamado, também, de homem exterior (II Corintos 5:1-2), que está afectado pela velha natureza, pelo pecado, e por isso com a sentença da morte... ou seja, a corrupção, que é a decomposição ou o envelhecimento.

O mesmo não pode ser dito do corpo do Senhor Jesus Cristo (antes da ressurreição e da glorificação). Embora o Senhor tivesse um corpo como o nosso, não era um “corpo de pecado”, mas na semelhança da carne do pecado (Rom. 8:3), pois o seu corpo nunca conheceu pecado e não tinha a raiz do pecado: ou seja, o Senhor embora “como nós em tudo tentado”, não tinha a tendência que o homem tem para pecar.

“Homem Natural” (I Coríntios 2:14). É uma referência ao homem que está na carne, que ainda não nasceu de novo, não nasceu do Espírito, sem a salvação, e por isso, ainda está na carne. Ele não entende as coisas do Espírito de Deus.

O “Eu” ou o “Ego” – 1.^a Pessoa Singular da Língua Grega ou do Latim, personifica o pecado, a velha natureza, a carne como estado e como princípio de vida, o velho homem, o homem natural, em qualquer das suas manifestações.

Alguns estudiosos da Palavra de Deus têm imaginado o coração do crente como sendo um trono, com dois pretendentes a ocupá-lo: o “eu” e “Cristo”. Se Cristo assumir o trono, a vida do crente

manifestará a sua direcção. Mas, se for o “eu” a ocupar o trono, então as obras do “eu”, as obras da “carne” se manifestarão. É precisamente disso que trata a Epístola aos Gálatas 5:16-23.

O DOMÍNIO DO “EU”

EGOCENTRISMO

O “eu” começa a sua manifestação fazendo impor os seus direitos, o seu temperamento, o seu “gênio” e muito mais que o caracteriza, e que, às vezes, usamos como desculpa dos nossos pecados. Mas, o próprio “ego” já é pecado, pois não agrada a Deus... e opõem-se ao Espírito de Deus. Os temperamentos são naturais no homem. Faz parte da sua composição genética. Não somos culpados de ter nascido assim, nem o Senhor nos culpa. O problema é se o “Ego” é mais forte que a vontade humana e, naturalmente o nosso temperamento e o “como somos” é sempre influenciado pelo “Ego”. E, assim, começa o **EGOCENTRISMO!** O “ego” é o centro de tudo e tudo é concentrado no “eu”. O “eu” quer tudo, só ele é que conta, só ele é que existe, ele é que sabe, só ele pensa bem e fala bem, só ele é que faz, e se ou outros fazem alguma coisa, só ele é que faz as coisas bem, ele é a atenção de tudo e de todos, e tudo é feito em função dele. Quando assim não sucede, então o verdadeiro carácter do “eu” manifesta-se, explodindo e reagindo contra tudo e contra todos. Ou, então, passa por um período de “auto-comiseração”. Sente-se ferido e chora: chora as “lágrimas do crocodilo”, como habitualmente se diz, por serem lágrimas de vingança. Logo começa a ver nos outros um obstáculo,

uma ameaça e um inimigo, e assim nascem as invejas, as cobiças, as cóleras, as contendas e as divisões. Tudo características e obra do “eu”! Nos momentos de “auto-comiseração”, considera-se abandonado, desprezado, desconhecido e, na sua defesa, recorre às murmurações, às queixas, aos suspiros, ao azedume, e coisas mais semelhantes as estas. É o “narcisista”! Só a ele acontece o mal, só ele sofre; e se os outros sofrem, ele sofre mais; enfim, nada que todos nós já não tenhamos experimentado ou observado.

EGOÍSMO

“Egoísmo” é o desejo do “eu”. É o “eu” como vontade. É a vontade da carne. E, como tal, manifesta-se como uma “concupiscência”, ou um desejo forte de possuir tudo e não compartilhar nada. “Tudo meu” e “só para mim”. “Venha a mim o vosso reino”. Então o ciúme se manifesta porque nem sempre aquilo que temos é nosso, ou é só para nós. O “eu” deseja as coisas só para si e não deseja minimamente o benefício dos outros. A principal manifestação da vontade do “egoísmo” é a soberba. E, como ela mesmo significa, o “eu” fica zangado se lhe pedem alguma coisa, pois não quer compartilhar. É a personificação do pensamento popular que frequentemente se diz, brincando: “o que é meu, é meu; o que é teu é nosso” – o que retrata a verdadeira realidade do “egoísmo”.

EGOLATRISMO

Com a manifestação do “eu” generalizada, surge uma nova etapa neste processo: “o culto do ego”. O “eu” é como que idolatrado e divinizado. É uma espécie de idolatria. É aquele tipo de

pessoas que vive para o “eu”. E, para retomar uma vez mais os exemplos correntes, faz-me lembrar a história do espelho mágico, ao qual a “rainha má” pergunta: “espelho meu, espelho meu, há alguém mais bonita do que eu?” É o “eu” colocado nos píncaros. É o eu que não pode ser ferido: tem que ser respeitado, coroado, adorado, servido. Este “eu” gosta de aplausos, de lisonjas, de louvores, mesmo de coisas que não lhe digam respeito. Se prega, é o “príncipe dos pregadores”, se dá alguma coisa, todas as trombetas têm de tocar em estéreo, e se é bom, é o melhor de todos. Em Isaías 14, quando a Escritura fala da presunção de Lúcifer subir às mais altas nuvens... refere seis vezes o “eu”. Eu, eu, eu, eu, eu, eu... eu subirei... eu exaltarei... o meu trono... eu me assentarei... eu subirei... eu serei... e caiu!

EGOTISMO

O “egotismo” é o ideal do “ego”. É o “eu” ideal ou como corrente ideológica. É o “eu” religioso, o “eu” mestre, como modelo de vida, ou como princípio de vida. É exactamente o evoluir do humanismo ou do neo-humanismo que tem sido lema das novas correntes ideológicas e filosóficas, muitas vezes revestidas com um carácter moral, mas sempre no sentido de promover o “eu” carnal.

O maior “egocêntrico” que se conhecerá será o “homem do pecado”, o anticristo, o 666. Ele será a personificação viva e humana do “ego”, pois será a “encarnação do diabo”. O anticristo é egocêntrico, egoísta, egolatra e egotista: o maior promotor do “ego”, pois ele fará tudo para que tudo seja centrado nele, e tudo

seja feito para ele e em função dele (II Tês. 2:4).

O FIM DO EGO

“A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição.” (Apocalipse 17:8).

O “homem velho” foi com Cristo crucificado (Romanos 6:6), para que sejamos de outro (Idem, 7:4), para que vivamos em novidade de vida (Idem, 6:6). Por isso, devemos mortificar o “eu” e as suas obras (Colossenses 3:8), e dizer como o Apóstolo Paulo:

«(Eu) já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.» (Gálatas 2:20).

Importa que Ele cresça e que “eu” diminua! (João 3:30).

Infelizmente, nestes últimos dias têm crescido muito o “ego” e os valores do “ego”, na igreja e no mundo. Já dizia o Apóstolo Paulo a Timóteo:

«Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens amantes de si mesmos (egocentrismo), avarentos, presunçosos, soberbos (egoísmo), blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados (egotismo), orgulhosos, mais amigos dos deleites (egolatrismo) do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te.» (II Timóteo 3:1-5)

O “Eu” de Paulo

«(Eu) já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na (minha) carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.» (Gálatas 2:20).

Paulo sabia muito bem os perigos do “eu”, mas também conhecia muito bem o poder da cruz – a obra do Senhor Jesus Cristo, de forma que soube como agir com o seu “eu”. Ele sabia que era impotente para fazer seja o que fosse contra o seu “eu”. Mas, sabia, também, que a única forma de vencer o poder influenciador do seu “eu” seria através da Cruz. De modo que diz:

O meu “eu” já foi crucificado com Cristo, ou seja, o “velho homem”. Agora, vive, não o meu “eu”, ou seja, não vivo em função do meu “eu”, mas em função do Senhor Jesus Cristo. Vive não mais a “carne”, a “velha natureza”, mas a “nova natureza” – Cristo (Colossenses 3:9-10). E a vida que agora vivo na carne – no “corpo do pecado”, ou no “homem exterior” que se corrompe com as condicionantes naturais – vivo-a na fé do Filho de Deus.

Este é o modelo de vida cristã. Este é o segredo para vivermos sem o domínio do “eu”. Esta é a forma de vivermos uma vida cheia e guiada pelo Espírito de Deus. Em Gálatas 5:17 Paulo diz que a carne (no sentido do “eu”) luta contra o Espírito... aqui diz que crucifica a carne. Por isso, a melhor forma de dar lugar ao Espírito Santo para ele dominar a nossa vida é crucificando a nossa carne. Assim seremos guiados pelo Espírito de Deus e

revelaremos o seu fruto. Doutra sorte, a carne dominará e produzirá as suas obras.

Em conclusão: relativamente ao Egoцентриsmo, Paulo diz: “Eu já estou crucificado”; Relativamente ao Egoísmo, diz: “vivo não mais eu”; Quanto ao Egotismo, diz: “Cristo vive em mim”; e, do Egotatrismo, diz: “vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.”

Depois desta leitura, creio que o estimado leitor é suficientemente inteligente para fazer a aplicação mais adequada à sua vida. E assim espero. E Deus dar-lhe-á toda a graça que precisar para a vida segundo a “fé do Filho de Deus”.

Devocional II

Libertação Completa do Pecado

C. H. Mackintosh

É um facto óbvio que, quando o crente morre e vai para o céu, é liberto totalmente do poder do pecado. É manifestamente impossível que o pecado possa ter qualquer poder ou autoridade sobre um homem morto. Mas não é tão visível que o crente, no momento presente, seja completamente livre do poder do pecado, como se ele tivesse morrido e ido para o céu.

Mas, nós falamos de poder, e não da presença do pecado. Note cuidadosamente isto: há uma diferença considerável, relativamente ao pecado, entre o cristão na terra e o cristão na glória.

Na terra, enquanto vivo, o crente só é livre do poder do pecado; mas, na glória, o crente será, ainda, livre da presença do pecado. Na condição presente o pecado mora no corpo do crente, mas não deve reinar; na glória, o pecado não reina nem mora já no crente.

O pecado foi condenado na cruz do Calvário. Agora a graça está no trono: «o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça...» (Rom. 6:14). Libertação gloriosa! Emancipação santificada! O Senhor se digne confirmar isso nas nossas vidas, pelo precioso ministério do Espírito Santo.

E, note, que, no capítulo 6, o apóstolo não está a falar do perdão de pecados. Isso, ele abordou no capítulo 3. Louvado seja Deus pelo perdão dos nossos pecados. Ele lançou-os no mar do seu esquecimento eterno. Porém, no capítulo 6, ele está a tratar da libertação completa do pecado, como um poder governante ou princípio.

E como é que nós obtemos esse imenso benefício? Através da morte. Nós morremos para o pecado — pela morte de Cristo. Esta é a verdade para todo o crente; sim, para todo o crente debaixo do céu. É uma questão de consentimento? De modo

nenhum! É uma questão de facto. Pertence a todo o filho de Deus, a todo o verdadeiro crente: é a sua forma de vida: andar santo e santificado. «Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.» (Rom. 5:21). [Pela fé na morte de Cristo, nós fomos libertados da condenação do pecado; agora, pela mesma fé e na mesma morte de Cristo, nós somos libertados do domínio do pecado].

Esta emancipação gloriosa é pouco entendida pelos filhos de Deus. Comparativamente, poucos são os que vão além de entenderem o “perdão de pecados”. Eles não entendem, nem experimentam, o que é a libertação completa do poder do pecado. Eles sentem a sua presença e combatem-no com um sentimento doloroso. E, em vez de confiarem em Deus que se disponibiliza para os ajudar, mergulham na dúvida e temem pela sua própria conversão. Eles estão mais ocupados com a sua consciência que com Cristo. Eles estão olhando mais para si e para a sua condição, que para o poder de Deus. E o resultado disso é a miséria! Quando a solução está ao alcance de todo o crente: crer que já morremos com Cristo, sepultados com Ele, justificados n' Ele, perfeitos n' Ele.

«Nisto é perfeita a caridade para conosco, para que no Dia do Juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo.» (I João 4:17). Esta é a base da paz divina. E não só isso, mas é o único segredo para uma vida

santificada. Nós estamos mortos para pecar. Nós não somos chamados a matar o pecado: nós é que estamos mortos em Cristo.

Um monge, por exemplo, procura o isolamento para fugir do domínio do pecado; ou, por vários exercícios, procurar matar o pecado. Mas, qual é o resultado inevitável? A miséria, sim, a miséria do fracasso! Mas, como é diferente o verdadeiro cristianismo. Nós começamos por entender que estamos mortos em Cristo para o pecado; e com a fé baseada neste facto nós, não mortificamos o corpo, mas, mortificamos as suas acções no nosso corpo. Deste modo o leitor poderá entrar, pela fé, no poder desta libertação plena, hoje.



Para Pensar...

As Flores

Depois de serem separadas do tronco ou da raiz, as flores parecem vivas, pois conservam por algum tempo as suas cores, o seu cheiro, a sua beleza, muitas das suas características, mas, na realidade, já estão mortas.

Assim é o homem separado da vida de Deus. Parecem vivos, falam, andam, demonstram vida, mas na realidade, com o tempo começam a murchar e acabam por revelar o seu estado essencial: mortos.

«E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados» (Efésios 2:1).

As Maravilhas do Corpo Humano

Reflectidas na Igreja, como um Corpo Espiritual

Lembro-me da primeira vez que vi uma célula viva ao microscópio. Eu tinha vinte e um anos de idade, e estava fazendo um pequeno curso de higiene tropical na Faculdade de Livingstone, Inglaterra. Estávamos a estudar os parasitas, mas os nossos espécimes estavam mortos; eu queria ver uma ameba viva. Certa manhã, antes do laboratório ficar apinhado de estudantes, eu me esgueirei para dentro do velho edifício das ciências. A imponente estrutura de tijolos vermelhos ficava ao lado de um pequeno lago, do qual eu acabara de colher um pouco de água numa xícara de chá. Pedacos de folhas em decomposição flutuavam na água suja, que tinha o odor de apodrecimento e morte.

Mas, quando coloquei uma gota daquela água na lâmina de um microscópio e observei-a, era um universo que jorrava vida. Centenas de organismos vivos moviam-se diante dos meus olhos: globos de cristal que eram delicados organismos unicelulares, respirando, espalhando-se e fugindo para todos os lados, excitados pelo calor da luz do meu microscópio. Movi a lâmina lateralmente um pouquinho, para observar os organismos mais velozes.

Ah, ali estava ela. Era uma ameba. Um simples fragmento azul translúcido, ela era dificilmente visível a olho nu, mas no microscópio revelava até o seu funcionamento interno.

Alguma coisa em relação à ameba murmurava que ela é uma das mais básicas e primordiais de todas as criaturas.

Aquela gota de água tepidamente de vida deu-me a primeira imagem viva da selva de vida e de morte de que fazemos parte.

Os anos se passaram, e eu ainda estou observando células; contudo, como médico, eu as observo especialmente em como elas cooperam no contexto do corpo.

Quando menino, nos meus anos de crescimento na Índia, eu fiz de meu pai um idolo, pelo facto de ele responder a toda necessidade humana que encontrava. Apenas uma vez eu o vi hesitar para ajudar alguém – quando eu tinha sete anos de idade, e três estranhos subiram pela trilha suja de nossa casa nas montanhas. A primeira vista aqueles três pareciam-se com centenas de outros estranhos que passavam por nossa casa, buscando tratamento medico. Os três estavam vestidos de tanga e turbante, com um lençol dobrado sobre um dos ombros. Mas à medida que eles se aproximaram, notei algo de estranho: manchas em suas peles, testa e ouvidos inchados e grossos, e tiras de tecido manchado de sangue envolvendo os seus pés. Quando eles chegaram mais perto, notei que também lhes faltavam dedos

nas mãos, e um deles também não os tinha nos pés - os seus membros terminavam em cotos arredondados.

A reação de minha mãe foi diferente da graciosa hospitalidade que lhe era normal. O seu rosto assumiu uma aparência palida, tensa. "Corre a chamar o pai", cochicou-me ela. "Leve a tua irmã, e vocês os dois fiquem dentro de casa"!

A minha irmã obedeceu à risca, mas depois de chamar meu pai, esgueirei-me engatinhando para um ponto de observação próximo. Algo sinistro estava acontecendo, e eu não queria perder o espetáculo. O meu coração bateu violentamente, quando vi a mesma expressão de incerteza, quase de medo, passar pela face de meu pai. Ele se pos perto dos três nervosamente, quase desajeitado, como se não soubesse o que fazer. Eu nunca vira meu pai reagir daquela forma.

Os três homens prostraram-se por terra, um acto comum na Índia, de que meu pai não gostava. "Eu não sou Deus - Ele é o único que vocês devem adorar", dizia ele costumeiramente, e fazia os indianos ficarem de pé. Mas desta vez não. Ele ficou imóvel. Finalmente, com voz fraca, ele disse: "Não há muita coisa que possamos fazer. Sinto muito. Mas esperem onde vocês estão; não saiam daí. Vou ver o que posso fazer".

Correu para o dispensário enquanto os homens ficaram agachados no pátio. Logo ele voltou com um rolo de ataduras, uma lata de pomada e um par de luvas cirurgicas que lutava para

vestir. Isto era novidade - como ele poderia tratar deles vestindo luvas?

Papai lavou os pés dos estranhos, aplicou unguento em suas feridas, e atou-as. Estranhamente, eles não estremeceram nem gritaram quando ele tocou nas suas chagas.

Enquanto papai enfaixava os homens, mamae estivera preparando várias especies de frutas em um cesto de vime. Ela o colocou no chão ao lado deles, sugerindo que eles o levassem. Eles levaram as frutas mas deixaram o cesto, e quando desapareceram atrás da colina, eu fui apanhá-lo.

"Não"! gritou mamae. "Não toque nisso"! "E não chegue perto do lugar em que eles se assentaram". Silenciosamente fiquei olhando quando papai levou o cesto e o queimou, e depois esfregou as mãos com água quente e sabão. E então mamae banhou-me a mim e à minha irmã, embora não tivéssemos tido contato direto com os visitantes.

Aquele incidente foi a minha primeira experiência com **a lepra**, a mais antiga enfermidade de que se tem registro escrito, e provavelmente a mais temida doença da história. Embora eu pudesse ter recuado, fugindo de tal sugestão como garoto de sete anos, mais tarde senti-me chamado para passar a minha vida trabalhando entre pacientes de lepra. Durante os últimos trinta anos tenho estado com eles quase diariamente, formando muitas amizades intimas e duradouras entre essas pessoas corajosas. Durante esse tempo, muitos temores exagerados e preconceitos acerca da lepra

desmoronaram-se, pelo menos no âmbito da medicina. Em parte devido a drogas eficientes, a lepra agora é considerada como doença contro-lável, e dificilmente contagiosa.

No entanto, em muitas partes do mundo, menos de um quarto dos pacientes de lepra estão de facto tendo qualquer forma de tratamento. Deste modo, para muitos ela é ainda uma enfermidade que pode causar severas lesões, cegueira e perda de mãos e pés. Como é que a lepra produz tão terríveis efeitos?

Enquanto eu estudava os pacientes de lepra na Índia, várias descobertas empurravam-me na direção de uma teoria bastante simples: poderia ser que os horríveis resultados daquela doença ocorressem porque os pacientes de lepra houvessem perdido a sensação da dor? De forma alguma aquela enfermidade era como um fungo que devorava a carne; pelo contrário, ela atacava principalmente um único tipo de célula, a célula nervosa ou neurónio. Depois de anos de testes e observações, obtive a certeza de que aquela hipótese era verdadeira.

A perda gradual das sensações de dor leva ao mau uso das partes do corpo que mais dependem da proteção da dor. A pessoa usa um martelo com o cabo lascado, mas não sente dor ao ferir-se, e a infecção alastra-se. Outra, tropeça no meio-fio, deslocando o tornozelo, e, obviamente, continua andando. Outra perde a acção do nervo que leva a palpebra a piscar a cada momento - alguns segundos - para

lubrificar os olhos; estes se secam, e a pessoa fica cega.

Os milhões de células existentes em uma mão ou um pé, ou as células vivas e alertas do olho, os bastonetes e cones, podem ficar inúteis por causa do colapso de algumas células nervosas. Esta é a tragédia da lepra.

Um padrão semelhante pode ser encontrado em outras enfermidades. Na anemia das células-foice, ou leucemia, a disfunção de um único tipo de células pode destruir uma pessoa rapidamente. Ou, se as células que mantêm em forma os filtros dos rins começam a falhar, a pessoa logo pode morrer de envenenamento tóxico.

Este facto acerca do corpo - o valor, a importância de cada uma de suas partes - é vividamente revelado por uma enfermidade como a lepra. A falha de um tipo de células pode ocasionar consequências trágicas. A pessoa que estuda a vasta quantidade de células e sua surpreendente diversidade, pode ficar com a ideia falsa de que cada célula é dispensável e de pequena importância. Mas o mesmo corpo que nos impressiona com a especialização e a diversidade também afirma que cada um dos seus muitos membros (e componentes) é valioso, e frequentemente essencial para a sobrevivência.

E interessante notar que a importância de cada membro é também o aspecto mais frequentemente enfatizado nas analogias bíblicas acerca do Corpo de Cristo (veja Rom. 12:5; I Cor. 12 e Efé. 4:16). Ouça a maneira travessa

pela qual Paulo se expressa em 1 Coríntios: "Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos, são necessários; e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos, revestimos de especial honra. Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra aquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam" (1 Co. 12.22-26).

O pensamento de Paulo é claro: Cristo escolheu cada membro para dar uma contribuição peculiar ao Seu Corpo. Sem essa contribuição, o Corpo funcionaria muito mal. Paulo sublinha que os membros menos visíveis (fico pensando nos órgãos como o pâncreas, rins, fígado e baço) talvez sejam os mais valiosos de todos. Embora raras vezes eu me sinta conscientemente agradecido por eles, tais órgãos realizam funções diárias que me conservam vivo.

Em nossa sociedade tão preocupada com classificações, e que classifica todos as coisas, desde os times de futebol até "à melhor pizza de Itália", uma atitude de importância relativa pode facilmente infiltrar-se na igreja de Cristo. Contudo, o organograma do grupo de pessoas que seguem a Jesus não deve parecer-se com uma máquina militar nem com uma

estrutura comercial. A igreja que Jesus fundou é mais parecida com uma família em que o filho retardado desde o nascimento tem tanto valor quanto o seu irmão que passou em primeiro lugar no vestibular. Ela é como o corpo, composto de células as mais surpreendentes em sua diversidade, porém as mais eficientes em sua interação.

Deus requer apenas uma coisa das Suas "células": que cada pessoa seja leal a Cabeça. Se cada uma das células aceita as necessidades do Corpo todo como objetivo da sua vida, então o Corpo viverá com saúde. É um feito brilhante, o único igualitarismo puro que consigo observar em toda a sociedade. Ele dotou todos as pessoas que estão no Corpo com a mesma capacidade de corresponder a este Corpo. No Corpo de Cristo, um professor de escola dominical de crianças de três anos de idade tem o mesmo valor de um bispo, e o trabalho desse professor pode ser tão importante quanto o do bispo. O dinheiro de uma viúva pode igualar-se aos milhões dados por um milionário. Acanhamento, beleza, eloquência, raça, sofisticação - nada disso importa - só lealdade à Cabeça e, através da Cabeça, a cada um dos outros.

Também não é por acaso que a Escritura Sagrada faz algumas referências à lepra. A lepra, pelas suas referências na Escritura, é a doença que melhor retracta o que é o pecado e os seus efeitos na vida de uma pessoa. A lepra, como doença, é a mais odiosa e a mais noventa de todas elas. Pois ela,

não somente ermina na morte, mas, mais que qualquer outra, é uma figura da actuação da morte na vida; pois os membros afectados morrem na realidade ao passo que o homem moribundo continua a viver.

À semelhança da lepra o pecado faz um estrago tal na vida do indivíduo que ele é cortado e separado do Autor da vida, Deus. O pecado tira ao homem a sensibilidade da realidade de Deus, da sua vontade e dos seus propósitos. As consequências é o seu total e imediato isolamento.

Levítico 13 e 14 contém a Lei da Lepra. E na sua descrição encontramos sete tipos de lepra: (1) A lepra aparente (2-8); (2) A lepra envelhecida (9-17); (3) A lepra de inflamação (18-28); (4) A lepra da cabeça e da barba (29-37); (5) A lepra das empolas brancas (38-46); (6) A praga da lepra do vestido (47-59); e (7) A praga da lepra da casa (14:33-57). E, por aqui poderíamos considerar as áreas em que o pecado ataca. Por vezes sem forma aparente, outras vezes surge com uma boa aparência, ou de uma forma superficial. Pode aparecer também no vestuário, que é uma figura do pecado no carácter do indivíduo; e pode atacar na casa, que é uma figura da manifestação do pecado no lar ou na igreja, como "casa de Deus".

A lepra, ainda, transmite bem o carácter horrível que o pecado representa para Deus. Desconhece-se se a lepra que a escritura refere seja a mesma que hoje se conhece. Em qualquer caso, é do ponto de vista médico, a Escritura torna mais confuso o conceito da enfermidade da lepra por

quanto o termo hebraico *Tsarác ath*, que se traduz por lepra, significa igualmente «castigo de Deus».

Os efeitos nefastos que o pecado pode produzir no indivíduo está ainda representado nas seis ocorrências que a Escritura faz a sujeitos infectados com esta enfermidade: (1) Moisés (Exodo 4:6); (2) Miriam (Núm. 12:10); (3) Naamã (II Reis 5:1); (4) Geasi (II Reis 5:27); (5) Uzias (II Crônicas 26:20-21); (6) Os quatro leprosos de Samaria (II Reis 7:3,8). No caso de Moisés a lepra representava a sua falta de confiança em Deus; no caso de Miriam, a sua lepra representava a sua rebelião à instituição divina. Lemos que, enquanto ela esteve com esta enfermidade o arraial de Israel não avançou na sua caminhada rumo a Canã; Com Naamã a lepra representava o orgulho humano; Em Geasi a lepra representava a avareza e a cobiça; Em Uzias a lepra representava arrogância e presunção da liderança; Os leprosos de Samaria representavam a incredulidade do povo de Israel, o reino do norte. E era tão grave esta enfermidade que o leproso era considerado imundo e deveria gritar, quando se aproximasse de alguém, clamando "imundo, imundo"!

É o que acontece quando o nosso organismo espiritual não está com saúde; e a pior enfermidade é o pecado! As suas consequências são imprevisíveis e incalculáveis. O Senhor nos livre desta praga! O Senhor nos dê sempre da sua saúde espiritual.

Dr. Philip Yanczy

Dr. Paul Brand

Adaptação e aplicação: Vítor Paço

CRISTO e o "EU"

Cristo primeiro, então "eu"
Que palavra se vai escrever?
Antes do "eu" ponho um "C",
Logo "CÉU" bem escrito vais ver.
Sabes que "C" é de Cristo a inicial.
"Eu" representa meu ser pessoal.
Põe então Cristo em primeiro lugar
E logo o céu vais gozar.



O Pecado

Que coisa terrível é este ser,
No meu peito, dentro de mim;
Não sei se força, se poder,
Se um ser, ou nem tanto assim.

Coisa que não sei o que seja,
E não me deixa, nem me faz bem;
Sei o que tem, coisa que se veja,
Falso prazer com um rápido fim.

São coisas de um negro passado,
Cuja origem não desconheço,
Tem um nome: chama-se pecado,
E do seu salário me entristeço.

Mas com gozo eu recordo,
Um bem que não mereço,
E é em Cristo que reconheço,
O livramento muito mais que desejado.

Às Nossas Irmãs... & não só...

«Lembrai-vos da Mulher de Lot...»

(Lucas 17:32)

Há razões muito solenes na vida da mulher de Lot para que nos recordemos dela, agora que nos vamos aproximando dos últimos dias, como trata o contexto da citação feita (embora se refira à vinda do Senhor para Reinar). O tempo da visita do Senhor se aproxima. E, algumas coisas acerca dela deveriam ser recordadas:

1. Ela pereceu, ainda que fosse a mulher de um homem justo. Lot não foi de todo o homem que deveria ser, mas foi um homem justo (II Pedro 2:8), e a sua mulher não conseguiu alcançar o seu testemunho;

2. Ela pereceu, ainda que foi advertida do perigo: «escapa-te por tua vida» (Génesis 19:17);

3. Ela pereceu, ainda que tenha feito um esforço para se salvar. Ela ouviu a advertência, creu nela, e correu durante um certo percurso. Porém, não

conseguiu alcançar a salvação. Ela tinha o seu coração em Sodoma!

4. Ela pereceu, ainda que se tinha separado dos sodomitas. O seu corpo estava fora de Sodoma, mas o seu coração não. Ela não era tão má como os perversos sodomitas, mas estava na mesma condição espiritual que eles. À semelhança dos fariseus que davam graças a Deus por não serem como os outros. No entanto, estavam na mesma perdidos (Heb. 10:38-39);

5. Ele pereceu, ainda que tenha cometido um só pecado: o terrível pecado da incredulidade que se manifestou quando olhou para trás. O mandamento era: «escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti!» Os pecadores perecem não pela quantidade dos seus pecados, mas pela natureza deles. Ele jamais teria olhado para trás se o seu olhar estivesse fixo no monte que estava diante dela. Então poderia dizer como o Salmista: «Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra.» (Salmo 11:1-2); e: «Olhando para Jesus...» (Hebreus 12:2).

James Smith

A Falha Que é Pecado

HAMARTIA E HAMARTANEIN

Hamartia é o substantivo mais comum no NT traduzido por “pecado”; ocorre 60 vezes nas cartas de Paulo; *hamartanein* é o verbo usual traduzido por “pecar”. No grego clássico essas palavras não tinham um significado que sequer se aproximasse do sentido no grego do NT. No grego clássico *hamarta* tem por significado básico a ideia de “fracasso”. *Hamartanein* teve inicialmente o significado de “errar o alvo” como quando uma lança é jogada ao alvo. Pode ser usada para perder o rumo certo, para o fracasso nos planos, esperanças ou propósitos. No grego clássico essas palavras sempre estão vinculadas a algum tipo de falha negativa mais do que a algum tipo de transgressão positiva, mas no NT descrevem alguma coisa muito mais grave.

Deve ser notado que no NT *hamartia* não descreve um acto específico de pecado; descreve, sim, o estado de pecado, a partir do qual surgem os actos do pecado. Na realidade, em Paulo o pecado torna-se quase personificado ao ponto de ser possível escrever “Pecado” com letra maiúscula, e pensar nele como um poder maligno e pessoal que prende o homem em suas garras.

Vejamos, pois, o que o NT ensina acerca de Hamartia.

(i) Hamartia, “pecado”, e “universal” (Rom. 3:23; 7:14; Gál. 3:22; I Joa. 1:8). O pecado não é como uma infecção que alguns contraem e outros não. É algo em que todos os seres humanos sem excepção, estão envolvidos, e de que todos são culpados. O pecado não é simplesmente uma erupção esporádica e espasmódica; é o estado universal do homem.

(ii) Hamartia, “pecado”, é “um poder que prende o homem em suas garras”. Aqui, as palavras usadas são muito interessantes e relevantes. O homem está *huph' hamartian*. Literalmente, isto significa “sob o pecado”. Mas esta preposição *hupo* com o caso acusativo, como aqui, é usada no sentido de “na dependencia de”, “em sujeição a”, “sob o controle de”. Um menor, por exemplo, está “sob o controle do seu pai”; um exército está sujeito ao seu comandante”; assim também, o homem está “sob, no controle de, no poder do pecado” (Gál. 3:22; Rom. 3:9). Sendo assim, certas palavras são usadas a respeito do pecado. Está escrito que o pecado “reina (*basileuein*) sobre os homens” (Rom. 5:21). Basileus é “rei” em grego. O pecado é o soberano dos homens. Está escrito que o pecado “poderá ter domínio sobre nós” (*kurieuein*) (Rom. 6:14). Kurios “senhor” em grego, e a palavra tem o sabor de “posse” e “domínio” totais. Está escrito que o pecado “nos faz prisioneiros” (*aichmalotizein*) (Rom. 7:23).

Esta palavra é usada para fazer prisioneiros de guerra. Está escrito que o pecado “habita dentro do homem” (*oikein, enoikein*) (Rom. 7:17, 20). O domínio que o pecado exerce sobre o homem é tão básico que o pecado não é meramente um poder externo que mantém controle sobre o homem; ele entrou no próprio âmago e coração do seu ser até ocupá-lo, assim como um inimigo ocupa um país. O resultado é que podemos ser chamados “escravos do pecado” (*doulos, douleuein*) (Joa. 8:34; Rom. 6:6, 17, 20). Deve ser lembrado que o poder do senhor sobre o escravo era absoluto. Não havia nenhuma parte da vida, nenhum momento do tempo, nenhuma actividade que fosse propriedade particular do escravo. Pertencia ao seu senhor do modo mais completo. Assim, o homem está totalmente sob o domínio do pecado.

Em Paulo, há a mais estreita conexão entre “lei” e “pecado”, entre *nomos* e *hamartia*.

(i) A lei “ensina o que é o pecado” (Rom. 3:20). Pode ser dito, em certo sentido, que a lei cria o pecado (Rom. 5:13). O pecado não é pecado até ser definido. Até ser definido o pecado, o homem não pode saber o que ele é; até haver uma lei do pecado, o homem não pode ser culpado do pecado. Usando uma analogia: certa rua da cidade pode ser de movimento livre por muito tempo, e o motorista pode guiar o seu carro ao longo da rua em qualquer direção; promulga-se, então, uma lei que faz daquela rua uma rua de um único sentido. Torna-se, então, uma violação da lei guiar um carro por

aquela rua em contra mão. A promulgação da lei criou uma nova violação da lei. A lei tanto definiu como criou o pecado. Se não houvesse lei, não haveria pecado.

(ii) Mas “a lei cria o pecado”, no modo de ver de Paulo, em outro sentido. Uma vez que alguma coisa é proibida, de algum modo adquire um novo e fatal fascínio, e a lei realmente produz o desejo do pecado (Rom. 7:8-11). Há algo na natureza humana que dá à coisa proibida um duplo atractivo. C. H. Dodd cita o exemplo clássico tirado das Confissões de Agostinho (2:4-6): “Havia uma pereira perto da nossa vinha, carregada de frutas. Certa noite de tempestade, nós, os jovens malvados, pusemo-nos à obra de despojá-la e de levar embora os despojos. Fizemos um carregamento enorme de peras – não para nos regalarmos com elas pessoalmente, mas para jogá-las aos porcos – embora comêssemos exactamente o suficiente para termos o prazer das frutas proibidas. Eram peras gostosas, mas não eram as peras que minha alma miserável cobiçava, porque em casa havia muitas e de melhor qualidade. Colhi-as simplesmente com o objetivo de ser um ladrão. A única festa foi a festa da iniquidade, e dela desfrutei até ao máximo. O que eu amava naquele roubo? Era o prazer de agir contra a lei, a fim de que eu, um prisioneiro sujeito a regras, pudesse ter uma liberdade falsificada e aleijada, mediante a prática impune daquilo que era proibido, com uma fraca semelhança da onipotência?” E então o Dr. Dodd comenta: “Isso quer

dizer que o desejo de furtar foi despertado simplesmente pela proibição de furtar”. É exactamente a esta altura que surge a fraqueza da lei no que diz respeito ao pecado. A lei tem dois “defeitos”. Primeiro, pode definir o pecado mas não pode curá-lo. É como um médico que pode diagnosticar uma doença mas que é incapaz de erradicá-la ou até mesmo de estabilizá-la. Segundo, há o facto estranho e fatal de que a lei, simplesmente por proibir uma coisa, toma aquela coisa atraente. Há uma conexão inseparável entre *hamartia* e *nomos*, “pecado” e “lei”.

Há certas consequências inevitáveis do pecado.

(i) O pecado resulta em certo “endurecimento” do coração. A palavra usada para endurecimento e *sklerunein* (Heb. 3:13). O adjetivo *skleros* pode ser usado, por exemplo, a respeito de uma pedra que é especialmente dura para ser lavrada; pode ser usado metaforicamente a respeito de um rei que é desumano e duro no modo de tratar seus súditos. O pecado endurece o coração. Em Fil. 1:9 Paulo ora a fim de que os filipenses abundem naquilo que chama de *aisthesis*, que é a “percepção sensível”. É a qualidade do coração e mente sensíveis àquilo que está errado. A experiência da vida mostra que na primeira vez que um homem pratica uma acção errada, existe um tipo de relutância e estremecimento; se a praticar duas vezes, encontrará mais facilidade; se continuar praticando tal acção, chegará ao ponto de nem sequer pensar sobre aquilo. Foi-se a

sua sensibilidade para com o pecado; seu coração está endurecido. Realmente é verdade que a coisa mais terrível no pecado e exactamente o seu poder de gerar mais pecado.

(ii) O pecado resulta em “morte” (Rom. 5:12, 21; 6:16; 6:23; Tia. 1:15). Esse facto tem um duplo aspecto. A crença de Paulo era que foi por causa do pecado de Adão que o pecado entrou no mundo. O pecado é aquilo que fez naufragar e arruinou a vida que Deus tinha planejado para o homem. Mas também é verdade que o pecado resulta na morte da alma. Para Paulo, tanto a morte física quanto a morte espiritual são resultados do pecado.

Uma das melhores maneira de descobrir o significado verdadeiro de qualquer palavra é examinar o contexto em que ela se encontra. O significado e o sabor de uma palavra serão melhor descobertos mediante o exame das palavras que usualmente a cercam. Examinemos, pois, as palavras com as quais *hamartia* é achada no NT.

(i) *Hamartia* tem ligação com blasphemia (Mat. 12:31). O significado básico de blasphemia é “ofensa”. O pecado, portanto, é uma “ofensa” a Deus. Ofende a Deus desprezando os Seus mandamentos, colocando o “eu” no lugar que Deus deve ocupar, e, acima de tudo, entristecendo o Seu amor.

(ii) *Hamartia* tem conexão com *apatè* (Heb. 3:13). *Apatè* é “engano”. O pecado sempre é algo enganoso, porque promete fazer aquilo que não

pode realizar. Qualquer homem que peca, faz a coisa proibida ou toma a coisa proibida, age assim porque pensa que será mais feliz com esse comportamento. O pecado engana-o e faz com que pense assim. Mas o simples facto da experiência é que um acto ou uma posse que procede do pecado nunca trouxe felicidade para homem algum. Há muito tempo, Epicuro, com sua mortalidade rigorosamente utilitária, ressaltou que o pecado nunca pode trazer a felicidade, porque, à parte de qualquer outra consideração, mantem o homem com o medo constante de ser achado.

(iii) *Hamartia* tem conexão com *epithumia* (Tia. 1:15). *Epithumia* é cobiça. *Epithumia* foi definida por Aristóteles como “esforçar-se por obter o prazer”. Os estóicos acrescentaram algo àquela definição, dizendo que era esforçar-se por obter o prazer “além dos limites da razão”. Clemente de Alexandria definiu *epithumia* como o espírito que “visa e estende-se para obter aquilo que lhe dará auto-gratificação”. *Epithumia* sempre tem a ideia de desejar aquilo que não deve ser desejado. *Epithumein* é, na realidade, o verbo usado na versão grega do décimo mandamento: “Não cobiçarás”. Se o coração do homem fosse tão purificado que nunca desejasse as coisas erradas, ele nunca pecaria.

(iv) *Hamartia* é equiparada com *anomia* (I Joa. 3:4). *Anomia* é “a transgressão da lei”. O pecado é aquilo que de vez em quando leva o homem “a querer exceder-se, acabar com as restrições e os controles, e fazer exactamente o que quer”. *Anomia* é o

espírito que leva o homem a querer colocar seus próprios desejos acima do seu dever para com o homem e sua obediência a Deus. *Anomia* provém basicamente do desejo de instalar o “eu” no lugar de Deus no centro da sua vida.

(v) *Hamartia* é equiparada com *Adikia* (I Joa. 5:17). *Adikia* é “injustiça, iniquidade, maldade”. É o antónimo de *dikaiousunē*, que significa “justiça”. Ora, *dikaiousunē* pode ser definida assim: “dar tanto a Deus quanto aos homens o que lhes é devido”. *Adikia*, portanto, é o espírito que rejeita ao mesmo tempo, seu dever para com Deus e para com os homens. O pecado é aquilo que leva o homem a adoptar a si mesmo de tal maneira que se esquece ou se recusa a servir a Deus e ao seu próximo. É aquilo que o leva a agir como se fosse a pessoa mais importante do universo.

(vi) *Hamartia* está ligada a *Prosöpolēpsia* (Tia. 2:9). *Prosöpolēpsia* é “fazer acepção de pessoas”. Ora, esta distinção entre pessoas é o resultado de aplicar os padrões do homem, no lugar dos padrões de Deus, ao mundo, à vida, e às pessoas em geral. É pecado aceitar os padrões do mundo em vez dos padrões de Deus, julgar as coisas conforme os homens as vêem e não como Deus as vê.

Agora chegou o momento de nos voltarmos para a cura da *Hamartia*. Examinemos, agora, algumas das palavras que descrevem o que o Senhor Jesus Cristo faz por nós, no que diz respeito ao pecado:

(i) Jesus nos “salva” (*sösein*) do pecado (Mat. 1:21). Estamos na condição de pessoas que precisam de ser salvas, e essa salvação é levada a efeito pelo Senhor Jesus Cristo, ao preço da sua vida.

(ii) Nossos pecados são “apagados” (*exaleiphein*) (Actos 3:19). A tinta dos antigos não continha ácido. Podia ser removida com esponja da superfície do velo ou do papiro quando o escriba queria fazer um novo uso do material de escrita. Por causa da obra de Jesus, o registo dos nossos pecados é apagado, removido como por uma esponja.

(iii) Por meio de Jesus, somos “lavados do pecado” (*apolouein*) (Actos 22:16). Segue-se uma “purificação dos pecados” (*katharismos*) (Heb. 1:3; II Ped. 1:9; I Joa. 1:7). É como se a vida fosse sujada, maculada, manchada e ofuscada pelo pecado, e Jesus Cristo tem poder de limpá-la, assim como a chuva lava as calçadas da cidade.

(iv) Na misericórdia de Deus “um véu está colocado sobre o nosso pecado” (*epikaluptein*) (Rom. 4:7). O verbo *Epikaluptein* é usado para a neve que encobre um caminho; é usado para agüem que cobre os olhos a fim de não ver; é usado para por um véu sobre alguma coisa. É como se Deus, na sua misericórdia, colocasse um véu sobre um triste registo do passado e nunca mais o olhasse.

v) Na misericórdia de Deus nossos pecados “não nos são imputados” (*logizesthai*) (Rom. 4:8). *Logizesthai* é uma palavra da contabilidade. Significa “lançar na conta de alguém”. A ideia é que nossos pecados nos deixaram em

débito para com Deus, de modo total, sem meios de pagarmos. O balanço do livro contabilístico da vida está infinitamente contra nós. Mas Deus, em sua misericórdia, cancelou o saldo devedor que nunca poderíamos pagar.

(vi) Mediante a obra de Jesus somos “libertos do pecado” (*eleutheroun*) (Rom. 6:18, 22; 8:2). Somos “libertados do pecado” (*luein*) (Apoc. 1:5). *Eleutheroun* significa “dar a alguém a sua liberdade”. *Luein* significa “soltar alguém dos seus grilhões”. Já vimos como o homem se tomou escravo do pecado, como se colocou sob o controle do pecado. Jesus é o libertador e o emancipador supremo. Em um só acto, ele paga o preço do resgate que liberta do passado, e dá o poder que concede liberdade para o futuro.

(vii) A vinda de Jesus “aniquilou nosso pecado” (*athetësis*) (Heb. 9:26). *Athetësis* é a palavra grega técnica e jurídica para “o cancelamento de um contrato ou acordo”. Se a letra rigorosa da lei fosse executada, nada existiria para o homem senão a condenação. Por meio de Jesus há o cancelamento da dívida que esta contra nós.

(viii) Por meio de Jesus “somos perdoados” (*aphiesthai*). Esta palavra é a mais comum para o perdão dos pecados. Ocorre em todas as divisões do NT (Mat. 9:2; Mar. 2:10; Luc. 7:47; Act. 2:38; 10:43; Col. 1:14; I Joa. 2:12). A palavra *aphiesthai* tem uma ampla variedade de significados, sendo que todos eles sugerem alguma coisa. Pode ser usada para desobrigar um homem de alguma sentença que já foi pronunciada, como, por exemplo,

do exílio. Pode ser usada para cancelar uma cobrança que foi feita de modo justo. Pode ser usada para dispensar um homem de um veredito que poderia ter sido executado ou para exonerá-lo de uma obrigação que poderia ter sido imposta com insistência. Pode ser usada para absolver um homem de um dever que poderia ter sido forçado a cumprir. Toda a essência da palavra é o livramento merecido do homem de alguma coisa que lhe poderia ter sido inflingida ou exigida, e isso com justiça. Através de Jesus Cristo, o homem é liberto do castigo e da penalidade que Deus tinha todo o direito de lhe impor. É a palavra que nos diz que Deus lida conosco, não com justiça, mas com amor; que o tratamento que recebemos não é segundo os nossos merecimentos, mas segundo a Sua misericórdia e Sua graça em Jesus Cristo.

Não há nenhum livro fora do NT com um senso tão grande do horror e do pavor do pecado, mas igualmente, não existe nenhum livro com tanta certeza de que a cura e o remédio foram encontrados.

William Barclay



O Grande Mistério...

**“Grande é este mistério;
digo-o, porém, a respeito de
Cristo e da Igreja...”**

(Efésios 5:32).

O Apostolado de Paulo

(Continuação)

***** * *****

Temas Anteriores:

1. A Salvação de Saulo de Tarso;
2. Evidências do Seu Apostolado Único e Distinto
3. Paulo e Moisés

OS MINISTÉRIOS DOS DOZE E DE PAULO COMPARADOS

A causa básica da confusão doutrinária que prevalece na Igreja professa consiste no fracasso de não se reconhecer a mensagem e o ministério de Paulo como distintos da mensagem e ministério dos doze. Até mesmo a maioria de crentes sinceros parece ainda não ter formulado a questão: *Porquê Paulo?* Parece que

ainda não descortinaram o notável facto de *depois* do Senhor, na Sua chamada *grande comissão*, ter enviado os outros apóstolos a “todo o mundo” pregarem “o evangelho” a “*toda a criatura*” (Marcos 16:15) e fazerem discípulos de “*todas as nações*” (Mateus 28:19) - *depois* disto, ter levantado *um outro* apóstolo, e como consequência disso os doze, por meio dos seus líderes, sob a guia do Espírito Santo, terem entrado num acordo solene com este outro apóstolo para que *ele* fosse aos Gentios *enquanto eles passariam a limitar o seu ministério a Israel* (Gál. 2:7-9). Assim, alguns anos depois da “grande comissão” aos onze (restaurados para doze em Actos 1:15-26), Paulo pode declarar:

“PORQUE CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, GLORIFICAREI O MEU MINISTÉRIO” (Rom. 11:13).

Paulo enfatiza constantemente a distinção do seu apostolado e mensagem. Ele fala três vezes de “meu evangelho” (Rom. 2:16; 16:25; II Tim. 2:8) e usa repetidamente frases semelhantes, como por exemplo: “o evangelho que eu já vos tenho anunciado”, “o evangelho que por *mim* foi pregado” e “o evangelho que *eu* prego entre os Gentios” (I Cor. 15:1; Gál. 1:11; 2:2). Ele toma claro repetidas vezes que a sua mensagem foi *recebida do Senhor* (I Cor. 11:23; 15:1; I Tes. 4:15) *por revelação directa* (Gál. 1:12; Efé. 3:1-3). Ele até pronuncia uma maldição sobre

qualquer que pregue aos Gentios outro evangelho além daquele que *ele* tinha anunciado. É por isso que também o encontramos a dizer repetidas vezes (ainda que em fraseologia variada): “*Segui-me*” (I Cor. 4:16; 11:1; Fil. 3:17; I Tes. 1:6; II Tes. 3:9).

Como salientámos em artigos anteriores, isto significa que o programa profético, do qual a “grande comissão” fazia parte, foi interrompido pela dispensação da graça de Deus por meio de Paulo. Daí a importância de se distinguir a mensagem e o ministério de Paulo da mensagem e ministério dos doze.

C. H. STAM
In, “Coisas que Diferem”

(Se Deus quiser, nos próximos números, continuaremos a abordar este assunto).

© **Copyrights:** Não há. Os artigos não assinados são da autoria da redacção (E). Reprodução é permitida, desde que seja citada a fonte.

Todos os artigos são da responsabilidade da “Igreja” que se reúne em Oleiros.

Propriedade:

Igreja em Oleiros
Rua do Fial, n.º 101
4535 Oleiros SMF

Redactor:

Vítor Pereira do Paço
«vitor.paco@mail.pt»

Correspondência a enviar para:

Eclesi' Astes

Apartado 135

4501 Anta ESPINHO Codex

Local na Internet:

<http://www.eclesiastes.pt>

Net-endereço:

eclesiastes@eclesiastes.pt